

Entrevista com o Coronel Estigarríbia



Coronel Estigarríbia em atividade no seu atelier.

O Coronel Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia é natural da cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba. Foi declarado aspirante-a-oficial da Arma de Cavalaria em 20 de dezembro de 1956. Em 1965, realizou o Curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Em 1971, concluiu o Curso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME. Foi instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), por duas vezes, sendo a segunda como Instrutor-Chefe do Curso de Cavalaria. Comandou o 2º RCMec, em São Borja. Como oficial de Estado-Maior, serviu no Comando Militar do Sul (CMS). A sua última função na ativa foi no Centro de Comunicação Social do Exército (CComSEx). É bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e especializou-se em História Militar, pela Universidade de Santa Catarina. São de sua autoria centenas de pinturas sobre episódios da História Militar. Dessas, cinco estão na Força Aérea, uma na Argentina, uma no Uruguai, uma no Paraguai, três nos Estados Unidos, uma na Inglaterra, uma na Itália e outra na Suíça. É autor, também, dos livros “Osório” e “Episódios Militares”, e da quadrilogia de caricaturas sobre a caserna dos idos de 1950-60. Atualmente, continua em sua atividade artística, pintando quadros no seu atelier em Porto Alegre.

A Entrevista

Considerando que, além da formação completa de oficial combatente, V. Sa. passou por uma admirável experiência acadêmica no campo da educação artística, pergunto: Como se deu a adequação cognitiva e de valores entre dois campos tão díspares?

A vivência da Caserna e dos nossos cursos regulares se somam e garantem uma expressiva bagagem cultural, em campos variados. Nossos valores são um diferencial, para melhor. Distinguemo-nos e induzem ao respeito.

Decidi arriscar um vestibular e quatro anos de bacharelato de Artes Plásticas, quando fui convidado pelo Exército a ser Prestador de Tarefa Por Tempo Certo (PTTC), com o encargo do registro da nossa História Militar, que é a própria História do Brasil. Julguei necessário obter o lastro acadêmico; afinal, fora contratado com base somente na simpática avaliação dos que já conheciam contribuições avulsas, em revistas e em painel pintado para o Parque Histórico Marechal Osório. O curso, de quatro anos, foi um desfile em passo de estrada. Apesar de rodeado por jovens e mestres, cujos conhecimentos de nossa profissão eram quase um zero à esquerda, quando não distorcidos. Contudo, o passar do tempo aparou arestas e desconfianças, tornando a convivência harmoniosa. Exemplo: o quadro ilustrando a defesa do Rio ao ataque do corsário Duguay-Trouian, que está no Museu do Exército, Forte de Copacabana, foi elaborado em plena sala de aula, alunos e professores presentes, durante as aulas de pintura a óleo. E a tarefa de final de curso, simulacro de uma exposição com debate oral sobre as pinturas apresentadas, aconteceu no saguão de entrada do QG do Comando Militar em Porto Alegre. Presentes, todos os 80 alunos de minha Turma e da banca de 3 examinadores. Sucesso!

Partindo de uma mesma temática – a vida militar – parecem existir dois tratamentos diferenciados em seus trabalhos: de um lado, o histórico, o solene, o heroico; de outro, o traço caricatural, cena do cotidiano castrense e a situação de humor.

Esses dois tratamentos correspondem a fases sucessivas ou eles se superpõem sem grandes conflitos internos?

O tratamento caricatural de nossa História Militar despreziosamente realizado nos quartéis e nas escolas militares por onde passava acabou sendo avaliado pelo saudoso Gen Ex Zenildo de Lucena como mais um instrumento, embora modesto, de fortalecimento da Memória do Exército. Quando Ministro da Guerra, determinou a feitura de livretes de textos simples e caricaturas sobre nossas diferentes Armas nos anos 40/60 do



Gravuras do autor que fazem parte do livreto com 20 desenhos caricaturais – “Jornada de um Regimento de Cavalaria Hipomóvel” lançado no Forte de Copacabana

século passado. Tudo em situações bem humoradas, mas reproduzindo episódios e detalhes do material da época. No tratamento da Infantaria, vali-me de fatos narrados pelo hoje Gen Ex Rômulo Bini; a Artilharia mereceu a atenção de meu ilustre companheiro de Turma, Gen Abreu Moraes. Com ele, conheci a Bateria Sagrada, em Guarapuava, e seu rico acervo em arreamentos.

Essa abordagem precedeu a feitura de telas e painéis com temática histórico-militar. A etapa da pintura tornou as ilustrações mais valiosas, por causa da cor. Que deixa de ser arranjo pictórico, apenas, e passa a reforçar a fidelidade, para ser registro.

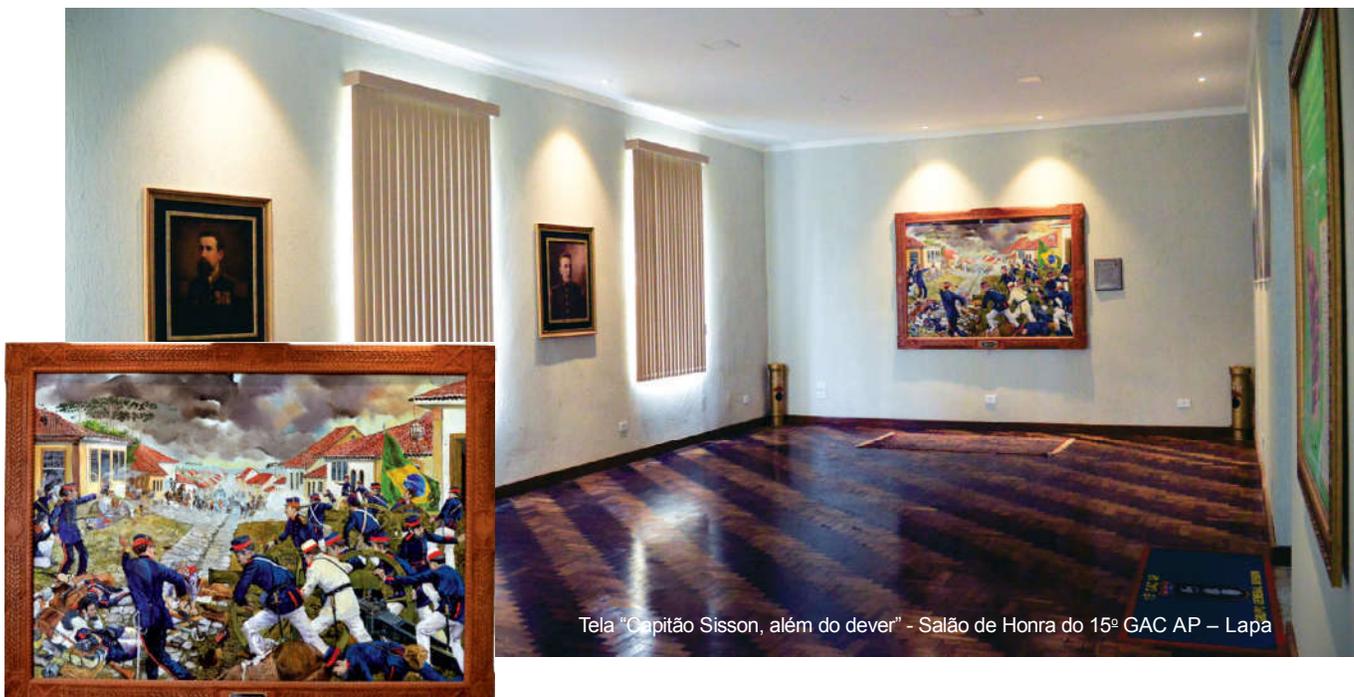
Tanto nas suas pinturas quanto em seus desenhos, é perceptível a presença inequívoca de temas, personagens e ambiências militares.

Indago, em consequência, como o artista, em V. Sa., convive com o Oficial de Cavalaria de sempre?

O fato de ser Oficial e de Cavalaria, com tantos anos na ativa, e de ter passado por diferentes Unidades, duas vezes pela AMAN, e de ter servido

no CCOMSEx, vizinho do CDoc, conferiram valiosa intimidade com nossos equipamentos, armamentos, viaturas, cavalos, arreamentos... Com nossa história, enfim. Já na reserva e PTTC, frequentei o CDoc sob direção do Cel Manoel Soriano e, ali, convivi mais frequentemente com os desenhos, aquarelas e os dados coletados pelo famoso José Washt Rodrigues. Além de notáveis desenhos a cores de uniformes, JW Rodrigues deixou amplo glossário de designação de funções e indicativos de uniformes, armamentos, arreamentos abrangendo do período colonial aos anos de 1930. Seu acervo, guardado pelo CDoc, constitui enorme patrimônio do Exército. Talvez mereça mais divulgação, porque é inexcedível fonte de consulta para historiadores.

No quartelamento do 15º GAC AP 155, na cidade da Lapa, no Paraná, ao entrar no salão de honra, observamos, ao fundo, um quadro de V. Sa. – “Capitão Sisson, além do dever” – um dos heróis do “Cercos da Lapa” e que nos impressiona pela beleza do cenário, na batalha final, como também a expressão dos personagens envolvidos no combate. Poderia V. Sa. discorrer sobre ele?



Tela “Capitão Sisson, além do dever” - Salão de Honra do 15º GAC AP – Lapa

Não conhecia bem o episódio. Quando solicitado a ilustrar o tema, precisei investigar detalhes na leitura disponível, primeiro passo na pesquisa de qualquer tema. Na fase de consultas, fui ao local, para apreciar o ambiente, exigência nem sempre possível. Recorri ao trabalho de Washt Rodrigues e a algumas fotos disponíveis. Para acertar uniformes, armamentos, conhecer o meio ambiente, as ruelas, o casario...

O resto fica por conta da criação mental, que vai se construindo durante as pesquisas. Cuidadoso, sempre, com a fidelidade, que é para contar bem a boa história.

Na Guerra da Tríplice Aliança, tivemos episódios marcantes da história do Brasil. Em diversas batalhas, desabrocharam heróis nacionais, que marcaram a ação vitoriosa do Exército Brasileiro, onde se destacaram os futuros Patronos do Exército. Sampaio foi um deles, da arma de Infantaria.

A tela da Batalha de Tuiuti nos mostra a sua coragem e a sua intrepidez enfrentando o inimigo. O que pode nos informar sobre esta pintura?

Todo o trabalho que executo, esse de pinturas e desenhos, precisa contar uma história. Fiel. Fiz as consultas de praxe, ao receber a determinação sobre a tela abordando o tema Batalha de Tuiuti e Sampaio. Material destinado à 3ª DE, a Divisão Encouraçada, herdeira do mesmo nome e comandada por Sampaio na Guerra da Tríplice Aliança. História com muitos subsídios, inclusive os relativos aos ferimentos mortais, os três balaios que vitimaram o Grande Infante. Minhas consultas foram leituras, recorridas a JW Rodrigues, o habitual.

Anos depois, visitei o sítio de Tuiuti e pude avaliar a complexidade da batalha. Terreno encharcado, terroso, capões de mato espalhados. Dá para vislumbrar a cena: milhares de homens espremidos e progredindo penosamente por onde podiam, dissociados. Atacados por todos os lados, devem ter se tornado alvos fáceis para o guarani valente, encoberto pelas macegas.

Como fiz a pintura sem conhecer o local da batalha, hoje, acrescentaria um pouco de mato ao ambiente. O detalhe não compromete o conjunto. Mas num outro quadro, ilustrando o que seria aquela passagem de Caxias por



"Batalha de Tuiuti – Sampaio em combate"
10ª Região Militar de Fortaleza - CE

Itororó, também realizado antes de conhecer o local, há comprometimento. O Arroio Itororó é um riachinho, embora profundo; a ponte sobre ele, quase uma pinguela. Um bom cavalo e um muito bom cavaleiro talvez o vencesse num salto. E eu, baseado apenas na descrição do Gen Tasso Fragoso, lida com olhos de luneta, pintei um caudal correntoso, a cavalhada nadando através.

Resumo: essas minhas tarefas servem para contar histórias. Atentas à fidelidade. Para poderem BEM CONTAR BOAS HISTÓRIAS.

No Gabinete do Comandante do Exército, em Brasília, existem várias telas pintadas por V. Sa. Segundo informações, elas nasceram por sugestão do Secretário-Geral do Exército, General Medeiros, na época do Ministro Zenildo. V Sa. ficaria à disposição do Gabinete, dando início ao trabalho de confecção de vários quadros que iriam enriquecer a sua belíssima pinacoteca de hoje. V. Sa. Poderia nos falar sobre isso?

O Gen Antonio Medeiros era Secretário-Geral do Exército quando me determinou sugerir novo ambiente para o saguão de entrada do QG do Exército.

Conterrâneo e minha referência desde os tempos de alunos do mesmo colégio em João Pessoa, ele sempre brilhante e um ano à frente, caprichei no esboço. Seriam várias vitrines com o que de mais significativo e diferenciado ostentamos nos uniformes, como nossas manicacas, as condecorações, as espadas, os distintivos de OM etc que ele modificou para muito melhor, tornando o Salão Guararapes essa vitrine do Exército. O Gen Ex Zenildo de Lucena, Ministro do Exército, além do apoio irrestrito, pincelou detalhes, atento às suas próprias diretrizes de estímulo às medidas que fortalecessem nossa Memória. No intervalo das janelas, pinturas com cenas à moda de linha do tempo. Elaborei essas pinturas em pequena oficina montada em Igrejinha, cidade próxima a Gramado, aqui no Rio Grande. As molduras foram entalhadas, uma a uma, por talentoso artista de Igrejinha, chamado Oriovaldo Roos, que o Exército conhece por seu apelido, Galã.



Salão Nobre do Quartel General – Brasília.
Várias telas de Estigarríbia em exposição permanente

Nesta entrevista, apenas mostramos alguns quadros de autoria do Cel Estigarríbia. Existem muitos outros espalhados no Brasil e no exterior, e que hoje são qualificados como acervos de grande valor.



“Batalha de Guararapes”
Retrata a formação
do Exército Brasileiro
– Salão Nobre do Quartel
General - Brasília



“Rendição de Uruguiana” – 2ª Bda C Mec